

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CINEMA

ALEXANDRE DERLAM DOS SANTOS

DOCUMENTÁRIOS GAÚCHOS
PRINCIPAIS DESAFIOS PARA ATRAIR MAIS PÚBLICO

Porto Alegre

2011

Documentários gaúchos – principais desafios para atrair mais público

Alexandre Derlam dos Santos

Resumo: Este artigo desenvolve um estudo a respeito do público nas salas de cinema e da produção dos atuais documentários no Rio Grande do Sul. Um questionamento para saber se existe um público para os documentários feitos no RS e se a cultura documentária do estado é proporcionalmente inferior ao Eixo RIO/SP. Como incrementar a comunicação a distribuição e aumentar o público dos filmes. Uma questão analisada a partir de um trabalho de pesquisa envolvendo dados de bilheteria coletados nos sites da Fundacine e Ancine, e entrevistas com público e realizadores. A bibliografia utilizada tem como alicerce Leandro Valiati, João Moreira Salles e Fernão Pessoa Ramos.

Palavras-chaves: Documentário. Documentário feito no Rio Grande do Sul. Público. Produção. Cultura documentária.

Abstract: This paper develops a study of the audience in cinemas and the production of documentary films today in Rio Grande do Sul (RS). A question of whether there is an audience for documentaries made in RS and if its culture of documentary is proportionally lesser than Rio de Janeiro / São Paulo. How to increase publicity and the distribution of documentary films and for its audiences. One question examined from a research project involving data of box office collected from the Fundacine and Ancine sites, and interviews with audiences and filmmakers. The bibliography is based on Leandro Valiati, João Moreira Salles and Fernão Pessoa Ramos.

Keywords: Documentary films. Documentary produced in Rio Grande do Sul. Audience. Production. Documentary culture.

Documentários Gaúchos

Principais desafios para atrair mais público

O documentário tem crescido no Brasil em produção, em bilheteria, em número de realizadores e espaços de exibição. Dados referentes a 2007 demonstram a posição de segundo “gênero” com o maior número de lançamentos no mercado brasileiro (à frente da “comédia”, “animação”, “aventura” e “ação”), ficando atrás do drama. Números e resultados que veremos mais adiante neste artigo evidenciam o aumento e importância da produção nacional e local dos documentários, sua redução dos custos de produção, novidades com distribuição e exibição, principalmente com a entrada da tecnologia digital, e a expansão do circuito de festivais e editais de financiamento para a área. Contribuição significativa acontece ainda através dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação, atuando na formação e desenvolvimento do pensamento e da produção intelectual dos filmes. Essas informações positivas podem ser capazes de despertar entusiasmo, mas não manifestam repercussão e desempenho como potencialmente poderiam aqui no Rio Grande do Sul.

De maneira geral nossa produção de longas-metragens e seus resultados nas bilheterias dos cinemas, estão longe de atingir números mais relevantes. Também sou realizador e por dúzias de vezes assisti a interessantes documentários brasileiros e gaúchos com pouquíssimos ou nenhum espectador na sala de projeção. Todas essas questões formam o problema de pesquisa que motivou minha investigação. Ao tomar conhecimento dos resultados de bilheteria dos documentários gaúchos (publicados na ANCINE), percebi a urgência e relevância de pesquisar e refletir a respeito da questão. Afinal existe um público para os documentários produzidos aqui no RS? Será que possuímos uma cultura documentária proporcionalmente menor que o Eixo RIO/SP? E ainda, o que público e realizadores pensam a respeito do momento atual da produção de filmes documentais aqui no sul? Será mesmo o cinema a janela ideal para exibir documentários?

Em 2004 aconteceu um fenômeno, uma espécie de “boom” de produções e bilheterias do eixo RIO/SP. Os números apresentam crescimento expressivo e recuo sensíveis e alternados (gráfico 1). Uma manifestação que não teve efeito semelhante

nas produções de documentários lançados em cinemas aqui no RS (gráfico 2). Entre 1995 (ano que marca a retomada do cinema brasileiro) a 2008 tivemos 11 documentários produzidos no RS.

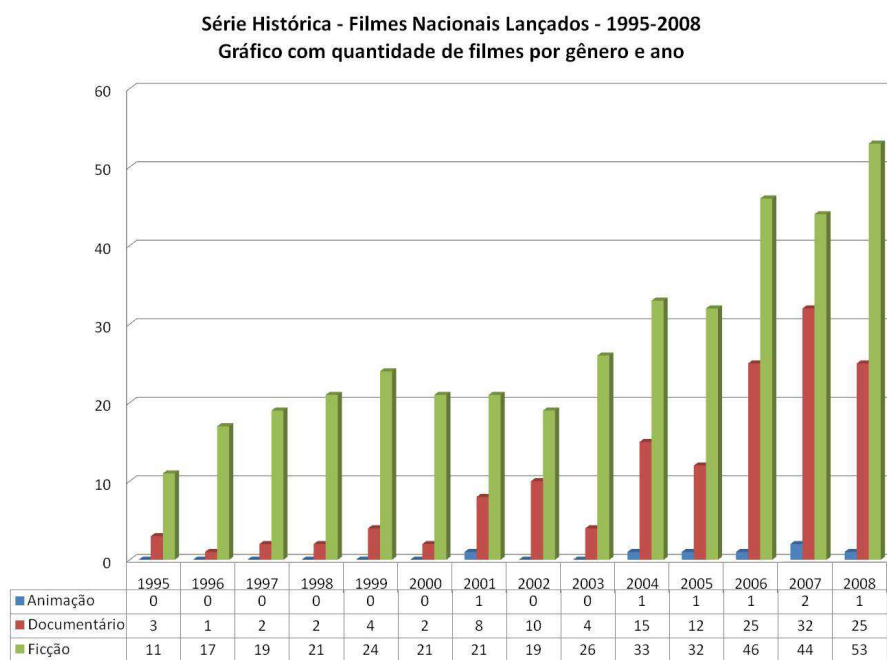


Gráfico 1

Filmes Gaúchos em longa-metragem lançados - 1995 – 2008
Gráfico com quantidade de filmes por gênero e ano.

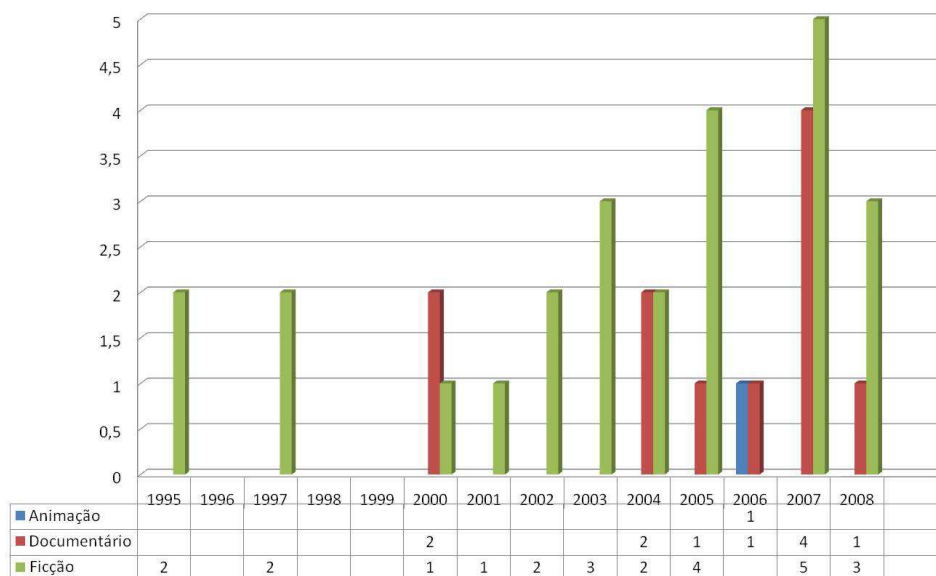


Gráfico 2

Destes filmes realizados no RS, apenas cinco possuem dados de bilheteria e faturamento disponíveis para consulta na ANCINE. E por falar em resultados de público, foram poucos os documentários nacionais que superaram a marca dos 50 mil espectadores. Os casos são raros e de se contar nos dedos. *Vinicius* (2005), de Miguel Faria Jr., detêm a melhor bilheteria com 271.979 espectadores. Aqui no estado não temos nenhum representante nesta categoria. Portanto, este artigo deseja identificar e indicar possíveis caminhos para todos que se envolvem com o cinema documentário realizado no Rio Grande do Sul, na conquista ou reconhecimento de uma aproximação com o público e também por mais espaços de divulgação e exibição para os filmes produzidos.

O objetivo de estudo consiste em avaliar se o Rio Grande do Sul possui uma cultura documentária proporcionalmente menor que o centro do país. Não apenas baseada na comparação direta dos números de produções e bilheterias obtidos por RJ/SP, historicamente superiores, mas analisando o envolvimento, a participação e demonstração de interesse por parte do público, da mídia, dos próprios realizadores e de ações mais integradas para obter um aspecto de maior valor e papel no mercado cinematográfico do estado e do país. É preciso tornar claro o que entendo como conceito de cultura documentária. São manifestações plurais da linguagem dos filmes,

seu diálogo, sua capacidade de compreensão de parte da comunidade realizadora com as platéias e áreas afins (mídia, mercado, sociedade).

Como complemento deste conceito de cultura e da sua abrangência, cito ainda, atividades documentais da cena contemporânea brasileira, muitas mais próximas do que podemos perceber. Diferentes propostas de documentários, diferentes cineastas e um crescimento do documentário em outras janelas como a televisão, são cada vez mais freqüentes. No papel de um realizador acostumado com desafios, inseguranças e constantes mudanças a que são submetidos os projetos, desejo investigar, apontar e sugerir novas possibilidades indicadas por este estudo. Um trabalho contemporâneo permeado e construído por entrevistas com quatro documentaristas e dez pessoas potencialmente freqüentadoras de salas de cinema, escolhidas aleatoriamente. Reunindo dados relevantes (bilheteria e ingressos vendidos) traçando um paralelo entre o Eixo RIO/SP e o RS, pretendo assinalar horizontes e estimular pesquisas posteriores no sentido de ampliar os campos de abordagem.

Preciso comentar a impossibilidade de avançar e aprofundar nas escolhas e preferências do público, pelo fato de não existirem números, tampouco uma pesquisa publicada a respeito do perfil de público, dados de marketing, hábitos de consumo dos espectadores de documentários ou dados sociais e econômicos do mercado brasileiro do gênero. Este artigo também não considera a produção recente de documentários para a televisão, uma vez que se dedica a longas-metragens com sessões nos cinemas. Cabe salientar aqui a importância e o crescimento do número de produção e exercício de linguagem destas produções, possibilitando o exercício e aperfeiçoamento de narrativas, variedade de temas, além de empregar os profissionais do mercado. Após essa introdução, desejo explicar resumidamente as próximas etapas deste artigo.

Parte 1

Logo após a introdução, apresento minha pesquisa contendo números das produções do Eixo RIO/SP e das produções gaúchas. Em seguida desenvolvo um raciocínio dos resultados de bilheteria e renda alcançados no período entre 1995 a 2008, desenvolvendo uma proporcionalidade baseada no número de habitantes entre os estados.

Parte 2

Comento o questionário desenvolvido com público e realizadores. Suas preferências e escolhas, seus desejos e pensamentos.

Parte 3

Faço uma análise e uma reflexão das questões desenvolvidas através das entrevistas.

Parte 4

Faço a conclusão do artigo, retomando as questões principais cruzadas com os resultados da pesquisa, dos dados, das entrevistas e reflexões geradas.

1. Documentários Nacionais Lançados no Período entre 1995 - 2008

Estabeleci uma pesquisa de dados referentes ao desempenho dos documentários do eixo RIO/SP com os do RS. Somei as populações de RIO/SP e comparei todos os resultados de bilheteria e ingressos vendidos (fonte ANCINE) no período entre 1995 a 2008. Abaixo os resultados obtidos e minha consideração:

População do estado do Rio de Janeiro (fonte IBGE), dados de 2010: 15.993.583

População do estado de São Paulo (fonte IBGE), dados de 2010: 41.139.672

Soma da população **EIXO RIO/SP = 57.133.255**

População do estado do Rio Grande do Sul (fonte Atlas Rio Grande do Sul), 2010: **10.695.532**

O número de habitantes do eixo RIO/SP é mais de **cinco vezes** superior ao estado gaúcho.

Número de documentários produzidos no eixo RIO/SP no período: **135 filmes**

Platéia eixo RIO/SP **2.170.924**

Bilheteria **R\$ 16.270.164,00**

Média de espectadores por filme **16.080**

Média de bilheterias por filme **R\$ 120.519,74**

(Os dados contemplam os resultados em salas comerciais de todo o país)

No mesmo período, 11 documentários em longa-metragem foram produzidos e lançados no Rio Grande do Sul.

Platéia **46.568**

Bilheteria **R\$ 335.076,50**

Média de espectadores por filme **4.233**

Média bilheterias por filme **R\$ 30.461,50**

(Os dados contemplam os resultados em salas comerciais de todo o país)

A proporção de produções no período pesquisado se apresenta assim: o eixo RIO/SP possui uma média de 12 documentários para uma produção gaúcha. Se levamos em conta a população do eixo ser cinco vezes superior, entendo que proporcionalmente precisamos produzir mais. Imagino que um número mais adequado ficaria o seguinte: para cada seis documentários lançados pelo Eixo, o Rio Grande do Sul deveria lançar um.

Na bilheteria e público o desempenho é mais animador. Os documentários gaúchos obtiveram resultados (considerando quatro vezes sua multiplicação) equivalendo-se ao eixo. Volto a lembrar que a origem desta operação se dá na comparação entre as populações. Como a população somada de RIO/SP é cinco vezes superior a do RS, e o público e bilheteria estarem proporcionalmente quatro vezes abaixo, é um índice que pode ser analisado como promissor.

Foram obtidos dados de platéia e bilheteria dos seguintes filmes gaúchos:

Título	Ano	Empresa Produtor	Renda	Público
Extremo Sul	2005	Mônica Schmiedt Prod.	R\$ 92.149,00	13.671

O Cárcere e a Rua	2005	Zeppelin Prod. Cin.	R\$ 37.424,00	7.792
Gigante	2007	G7 Cinema	R\$196.117,00	23.515
Como o Inter conquistou O Mundo				
Poa Meu canto	2007	Cicero Aragon	R\$ 7.812,00	1.356
No mundo				
A Dança da Vida	2007	Estação Elétrica	R\$ 1.574,50	334
TOTAIS			R\$ 335.076,50	46.568

2. Questionário com público e realizadores

Como não foram possíveis dados referentes às escolhas do público e suas preferências, optei por realizar entrevistas com 10 pessoas de diversas classes sociais e faixa etária entre 30 a 45 anos, procurando mapear algumas predileções e pensamentos sobre cinema brasileiro, gaúcho e documentários. Todos são profissionais com curso superior completo ou em andamento, potencialmente frequentadores de salas de cinema, uma professora e dois professores, uma jornalista, um editor de imagens, uma assistente administrativa, uma produtora, um técnico contábil, uma designer e um escritor.

As questões apresentadas foram:

1. Quais os tipos de filmes que você gosta de ver no cinema?
2. E você assiste a filmes nacionais no cinema? Por quê?
3. E filmes gaúchos no cinema? Você vê? Por quê?
4. Você já assistiu documentários gaúchos no cinema? E na TV?
5. Gostaria de ver documentários aqui do Sul abordando qual tema?

Na primeira questão, os filmes de ação foram os mais lembrados pelos entrevistados. Ao todo cinco entre dez escolheram os filmes de ação. Depois, com três escolhas, os gêneros suspense, documentário, romance, e espírita. Ainda receberam duas citações, os gêneros policial e ficção científica. Dentro de um universo tão amplo de escolhas podemos destacar três citações feitas ao documentário. Isso está de acordo com o dado trazido na abertura do artigo, comentando que os números de 2007 apresentam o documentário como segundo gênero nacional.

Na questão dois, sete entrevistados afirmaram assistir a filmes nacionais no cinema. E três disseram que não assistem. Um dado positivo e otimista. Abaixo os motivos apresentados por todos, iniciando pelos três que não assistem.

“Não. Porque eu acabo vendo em outras mídias. Os filmes de outras nacionalidades acabam vindo em primeiro lugar na minha escolha para o cinema”. Paula Leão, produtora, 30 anos.

“É raro. Acho que os filmes nacionais melhoraram, mas ainda assim eles se voltam para premiações no exterior, ou seja, é a ideia de que apresentando a dura realidade do país isso abrirá portas no exterior. Eu acho que falta mais qualidade ao cinema brasileiro. Na comparação com os filmes produzidos na Argentina, percebe-se que há enredos e temas interessantes lá e a gente sabe que a situação por lá é muito diferente da situação brasileira, o que comprova que é preciso evoluir muito mais por aqui”. Fernando Trein, Diretor da Victory Sport Marketing e professor universitário, 44 anos.

“Não tenho o hábito. Não gosto porque os filmes brasileiros não apresentam uma boa história, ainda acho que a maioria dos filmes brasileiros utiliza as cenas de sexo para chamar atenção sobre o filme e divulgar o seu trabalho”. André dos Santos, Técnico Contábil, 45 anos.

“Sim, dependendo do filme, do enredo, se chama atenção, senão deixo pra ver na TV”. Andrea Pinto, jornalista, 30 anos.

“Assisto. Bem menos que os estrangeiros. Preciso gostar do tema e são poucos. O filme brasileiro é muito peculiar e redundante... Poucas vezes me identifico... Sinto falta de filmes que poderiam se passar em qualquer canto do país. Sinto os filmes muito regionais. Parece ter a obrigação de mostrar determinada cultura e não como uma coisa

mais ampla que poderia se passar em qualquer parte ou canto do mundo”. Mauris Hansen, editor de imagens, 36 anos.

“Sim, porque tem demonstrado, há alguns anos, aumento na qualidade de produção e variabilidade de temas (os filmes brasileiros eram, na década de 70 a 80 de cunho políticos e/ou intimistas)”. Santiago Camano, professor de educação física, 41 anos.

“Assisto sim, a qualidade está muito melhor, lembro de histórias bonitas e interessantes, vejo muito os filmes espíritas”. Anelise Gomez, assistente administrativa, 33 anos.

“Sim, assisto. Os filmes nacionais dos últimos tempos apresentam qualidade, conteúdo e assuntos variados”. Adriane dos Santos, professora, 48 anos.

“Sim, adoro. Gosto de me identificar com a realidade da tela. Gosto de histórias prováveis, que são bem comuns no cinema nacional e latino”. Beatriz Pinto Ribeiro, designer, 33 anos.

“Sim. Porque eles trazem o olhar diferente e particular do nosso cineasta, embora o brasileiro em geral assista mais à televisão do que o cinema. A própria Glória Perez disse isso, o país produz novelas pra TV que são aplaudidas e distribuídas no mundo todo, mas ainda não possui uma indústria ou cultura cinematográfica forte o suficiente, nem para ser reconhecida mundialmente, nem para arrastar o grande público às salas de cinema. Porém, parece que aos poucos as coisas estão mudando, posso estar errado, mas fenômenos como *Tropa de Elite* vem contribuindo para mudar esse quadro”. Lucio Saretta, escritor, 28 anos.

Na questão três: “E os filmes gaúchos no cinema? Você vê? Por quê?” as respostas foram taxativas. Apenas três entrevistados lembram ter ido ao cinema assistir às produções locais. Invertendo-se assim, o resultado anterior obtido pelo cinema nacional. As críticas abrangem os temas freqüentemente regionalistas, os problemas de divulgação, produção muito pobre e desinteressante, exhibições em salas menos atrativas. Evidencia-se a ausência de uma comunicação mais eficaz e propagadora na divulgação das produções. Foram três entrevistados que trouxeram esse item em suas respostas. E mesmo entre os comentários positivos são feitas críticas quanto ao número de produções e dificuldades para assistir os filmes em uma cidade com porte considerável,

como Caxias do Sul, por exemplo, onde certamente filmes de Hollywood dominam a rede exibidora. Abaixo algumas respostas que separei para complementar o pensamento:

“Acho que nunca vi. Eu não lembro de ter ido ao cinema para assistir um filme gaúcho... Existe o meu interesse, mas surgem outras coisas mais interessantes para fazer”. Andrea Pinto.

“Filmes gaúchos que retratem o movimento nativista estou fora. Lógico que há filmes interessantes produzidos no RS com temas atuais e ao longo dos anos isso pode ser comprovado. Acho que existe uma dificuldade dos produtores de cinema do estado em colocar os filmes nas grandes redes de cinema do país, o que os leva a salas alternativas, que nem sempre têm as melhores condições e isso nos remete às expectativas dos consumidores, ou seja, não vamos apenas ao cinema por causa dos filmes, mas sim por todo o conjunto da obra: poltronas, banheiros, acessos, etc.” Fernando Trein.

“Não vejo. Porque eu sinto que eu tenho que ir atrás do filme. Com exceção dos filmes do Jorge Furtado que tem a Globo Filmes para divulgar, os outros não estão no circuito inseridos como outros filmes. Eu não sei onde passa o filme? Acho que existe problema de comunicação. Não vejo trailer, não sou comunicado sobre o filme. A produção não me agrada. O roteiro não desperta minha atenção. Eu gostaria de ver outros temas”. Mauris Hansen.

“Não vejo. Não recebemos informações necessárias da mídia para conhecermos os filmes aqui do RS que estão em cartaz”. André dos Santos.

Os três entrevistados que assistem responderam:

“Claro. Tem muita gente boa produzindo por aqui. O problema são as dificuldades para ter acesso a esses filmes que quase nunca passam nas salas comerciais (moro em Caxias do Sul)”. Lúcio Saretta.

“Sim, vi alguns. Principalmente pela identificação com enredo e personagens”. Beatriz Pinto Ribeiro.

“Vi alguma coisa. Mas foram poucos, devido à baixa produção (quantidade) de filmes”. Santiago Louzan Camano.

Na questão quatro, foi perguntado aos entrevistados sobre eles terem visto documentários gaúchos no cinema, três deles afirmaram assistir, mas reforçam que assistem com frequência na televisão. Sete confirmaram que não assistem documentários no cinema. A pergunta também envolvia o veículo TV. O resultado alternou-se. Entre as respostas, oito afirmaram assistir na TV e dois disseram não ver nem na televisão e nem no cinema. Este indicador com tamanho descompasso pode significar existir um hábito e um gosto por parte do público com os documentários na TV. Com base nestas respostas é possível pensar que exibição do documentário na TV, é bem mais eficaz que no cinema. Agora porque não podemos considerar que uma coisa está ligada a outra? Que fundamental é ser assistido, independente da janela e que todas elas convergem possibilitando cada vez mais a formação de público? Se o dado do cinema preocupa pelo baixo interesse, em contraponto existe essa demanda cada vez maior da TV a ser explorada.

Na questão cinco, concluindo o questionário com o público, abri espaço para sugestões de temas. Os mais citados pelos dez entrevistados foram: temas históricos e culturais, personagens e figuras populares; histórias de vida personagens do cotidiano, vidas comuns, música, literatura, e futebol, entre outros; temas que não necessariamente tenham a ver com o RS ou a cultura gaúcha, sem o “gauchismo típico, aquela coisa caricata”, segundo um dos entrevistados; juventude, velhice, temas atuais e contemporâneos, meio-ambiente, Ecovilas, yoga, política gaúcha e a história de Porto alegre; a história esportiva da cidade, não apenas no futebol, mas em várias modalidades como o ciclismo, o remo e o automobilismo; regionais, dando importância para a nossa história, cultura e mostrando os hábitos e costumes do nosso interior. Interessante que alguns receberam rejeição, (no caso o futebol e regionalismo) o que pode ser visto como indicação de assuntos abordados com frequência pelos realizadores.

Realizado este questionário com o público, iniciei outro com quatro realizadores de documentários radicados no RS. Formatado com intenção de permitir troca de informações e pensamentos a respeito da linguagem, conquista de público e mais espaço para os filmes. Falando ainda do papel dos cineastas e também da condição atual para fazer documentários. O cineasta, professor do curso de cinema da PUC e curador do CineEsquemaNovo, Gustavo Spolidoro, a diretora Liliana Sulzbach, o roteirista, distribuidor e diretor colombiano Juan Zapata e Boca Migotto, diretor e professor do Curso de Realização Audiovisual da Unisinos, comentaram as seguintes questões:

1. Qual sua opinião a respeito do momento atual da produção de documentários no estado?
2. Comente a respeito da estética, dos temas abordados e das escolhas dos realizadores.
3. E como você vê a acolhida da crítica?
4. Um dos grandes desafios é chegar ao público. Em sua opinião porque não temos um público aqui no estado mais interessado no filmes documentais realizados?
5. E a comunidade que organiza documentário aqui no estado. Como ela está formada?
6. Você acredita que a situação no eixo RIO/SP é semelhante? Como você compara a situação entre estes dois mercados?
7. Que sugestões você tem para incrementar mais o mercado?

Na primeira pergunta os termos falta de ambição dos realizadores para histórias que rompam a repetição, o regionalismo, os desafios de custos e fomentar uma produção de custos menores que permitam produzir mais e melhor, e, ainda o crescimento de filmes para a televisão, foram citados nas respostas. Cito a falta de uma identidade, de uma característica ou uma escola para nossos documentários, de uma linguagem e narrativa mais criativa que possa permitir alavancar filmes gaúchos pelo Brasil e internacionalmente, é uma realidade decisiva para a pequena participação de público nas salas.

Na questão dois, referente à estética e os temas abordados, os realizadores afirmam a não existência de uma temática, uma identidade ou uma tradição documentária. Que nossa produção está na mão de cineastas atuando independentes de uma escola ou estilo local pré-estabelecido. São cineastas mais especialistas em determinados temas ou áreas (música, esportes, biografias) em poucas ocasiões dialogando com o público. Percebo ainda, poucas produções aqui no estado inovando e surpreendendo com propostas mais rompedoras artisticamente e comercialmente. O documentário é rico e inesgotável em criação de linguagens e narrativas. Podemos

avançar e conquistar novos espaços, abandonando os formalismos arraigados. Devemos criar novos espaços para debater, promover e exhibir os bons e interessantes filmes contemporâneos realizados aqui no estado. Há muita coisa desconhecida por ai.

A respeito da pergunta sobre a crítica na questão três, os realizadores se dividem entre uma neutra aceitação e um nítido descontentamento. A imparcialidade da crítica é questionada, assim como o conhecimento e a preparação dos críticos para analisar e comentar os documentários. Percebo a crítica atual, aberta a divulgar, comentar e valorizar os filmes gaúchos. Descontando alguns nomes, ela precisa acompanhar mais os documentários realizados aqui no estado. Ainda há um grande desconhecimento de recentes produções e posterior desvalorização destes trabalhos. E são obras de valor que estão chegando e merecem mais consideração.

Na questão quatro, (assunto fundamental deste artigo) os realizadores refletem a respeito da falta de interesse do público e dificuldades para os filmes obterem reconhecimento do mesmo. Todos os realizadores apontam a falta de distribuição e uma comunicação eficaz e permanente como motivo. De fato a comunicação é pífia em todos os lançamentos de cinema realizados no RS. Falta articulação com a mídia em geral. Carecemos de novidades. Buscar ações de marketing que criem um fato novo. Surpreender o público. A comunicação na ficção já é restrita e nos documentários então nem se fala. São raras as ações interessantes e trazendo impacto. Os filmes precisam evoluir muito neste sentido. As peças (cartazes, banners, anúncios) não traduzem de maneira geral o sentido do filme, seu apelo e sua força. São imagens que não se definem como deveriam. Isso reflete imediatamente no resultado e no impacto com o público. Quanto à distribuição o assunto ainda é mais delicado. Há muito ainda a ser feito. Parcerias, co-produções, mostras, vendas para canais estrangeiros, há um imenso catálogo de opções, mas falta estrutura, conhecimento de mercado e estudo nas relações. Os riscos existem nestas tratativas e muita gente boa já sofreu com isso. Associação Brasileira de Documentaristas, ANCINE e Fundacine podem apoiar nestes contatos e as produtoras precisam costurar relações estratégicas para promover seus filmes.

A questão cinco repercute a comunidade gaúcha realizadora de documentários. Quando perguntados se existem ações conjuntas entre realizadores, os entrevistados foram unânimes: não há união, tampouco atitudes em comum planejadas entre os documentaristas gaúchos. Fato triste e lamentável. Sob todos os aspectos. Isso prova

como estamos precisando rever este conceito. Que classe pode progredir e conquistar espaço sem atuar em pró de seus objetivos e necessidades? Clamar por investimento por aí sem reivindicar pelos canais corretos não dá samba. Outra coisa. Se as empresas cada vez mais preferem investir em eventos ou festivais, não está na hora de uma iniciativa? Pensar e agir em busca de uma solução? Depender apenas dos patrocínios das empresas estatais como Banrisul, CEEE entre outras não é mais possível. Ficam todos os realizadores com o prato na mão em busca de uma fatia do bolo que não é suficiente há muito tempo, ou melhor, nunca foi.

A respeito da questão seis, “A comparação com o Eixo Rio/SP” (um dos pontos chave deste artigo), os cineastas concordam entre si. Mesmo percebendo e citando diferenças substanciais em recursos para fomentar produções e maior penetração em canais de TV, tradicionalmente em poder destes estados, nossos realizadores não pensam que a situação do eixo é diferente da gaúcha. Concordo com eles. Não descobri através deste estudo, motivos concretos que levassem a crer em nossa cultura ser proporcionalmente menor. Temos que produzir mais, difundir os filmes e formar mais público. É nossa obrigação e necessidade. E o caminho a percorrer será de desbravamento. Há muito para se fazer e se conquistar. Mas, percebo que temos totais condições. Não nos faltam aparelho humano e conhecimento. Falta ambição, investimento e planejamento. Comunicação atuante, mais organização e fundamentalmente união em torno de iniciativas que estimulem o mercado. Que busquem o crescimento contínuo e progressivo do setor. Deixar de lado a histórica individualidade e dar espaço ao ganho coletivo. Explorar temas que projetem o cinema do estado para além das fronteiras.

A questão sete finalizou o questionário oferecendo espaço para sugestões de todos, dicas para incrementar o mercado. As principais citadas dizem respeito de uma maior capacitação no mercado do RS na área de documentários, maior integração entre as empresas produtoras. Incrementar circuitos alternativos valorizando mais o conteúdo e a linguagem. Criação de alternativas que favoreçam a distribuição e promoção dos filmes. Aprofundamento de pesquisas e amadurecimento dos projetos. Fazer o filme chegar ao público de forma mais madura. Uma experiência positiva e satisfatória requer um filme bem feito, repleto de qualidades e com uma comunicação eficaz.

3. Análise e Compreensão da Pesquisa Desenvolvida

Existe um público cativo para os documentários do RS? Definitivamente esta pergunta não será respondida apenas neste artigo. Arrisco dizer que há um público. Ora, o “Rio Grande do Sul se encontra numa posição privilegiada: é o quarto maior mercado de exibição no Brasil e o maior fora da Região Sudeste. Além disso, Porto Alegre possui a melhor relação de salas de cinema *per capita*, uma sala para cada 21 mil habitantes” (VALIATI, 2010, p. 27). Porém, o que fica claro é que não temos uma produção de longas- metragens e nem temas suficientes para manutenção deste público. Os poucos números e filmes que consegui levantar representam uma presença e participação apenas ocasional. E o período compreende 13 anos de produção. É bem provável que isso ocorra em virtude do ainda pequeno número de documentários em longa-metragem que estamos realizando.

Nas entrevistas com o público, por exemplo, fica evidente a pouca presença na sala de cinema e a pouca informação sobre os documentários gaúchos na mídia. Mas igualmente é evidente existir interesse e audiência dos documentários que são exibidos na televisão. Inclusive foram dadas sugestões de novos temas. A verdade é que não sabemos ainda quem é este público. Onde exatamente encontrá-lo, e o pior, como fazer para contar com ele em nossas produções. Novas pesquisas mais aprofundadas e desenvolvidas, podem identificá-lo melhor. Conquistar a sua simpatia pelo filme e seguir com seu interesse em novas produções, ainda é um grande terreno a ser explorado. Mas existem pistas, sinalizações e trilhas para iniciar essa jornada. Muito já foi dito neste artigo. Seja pelo público entrevistado ou quando manifestei minha reflexão e opinião com base nos estudos que desenvolvi.

Logo a seguir, transcrevo na íntegra o pensamento dos realizadores A contribuição deles teve significativa importância nesta reflexão. Fica evidente que o debate em torno da questão da presença social dos filmes precisa ser abordado, através de uma forma conjunta com uma economia política que leve em conta a necessidade urgente de formação de platéias. É necessário pensar nisso como um movimento a ser realizado de forma pensada nas escolas, nos movimentos sociais e nos sindicatos. A comunicação, a propagação dos filmes está absurdamente deixada de lado. De um modo geral o público é levado a buscar nos grandes jornais e, eventualmente, na TV e no

rádio, as informações sobre o que está em cartaz no cinema. Acontece que estes veículos, por força de outros interesses que os caracterizam, comunicam sobre cinema e posteriormente os documentários de maneira muito restrita. Constituindo assim uma pequena e instável interação cinema-público, cujo prejuízo é evidente no decorrente desse processo.

Como a comunicação não funciona como deveria, é preciso repensá-la já. Se a mídia mais convencional não oferece espaço suficiente, temos de chegar ao público através de outras maneiras. Propor novas ideias. O marketing e a internet quando associados de maneira planejada e criativa proporcionam resultados incríveis. Cito o exemplo do site portal Terra. Ele negociou uma ação diferenciada para *Quebrando Tabus* uma produção da Spray Films (dirigido por Fernando Grostein Andrade), cuja participação do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso foi extremamente estratégica.

A produtora e o site Terra acordaram em uma ação cujo contexto foi o interesse que o conteúdo provocasse na internet. Por uma semana o portal criou ações de divulgação para atrair e chamar atenção do público para o filme e seu tema. O portal direcionou esforços na busca da grande comunidade de simpatizantes nas redes sociais e apoiou-se na força de celebridades presentes no filme, entre elas, Luciano Huck e Paulo Coelho que “twitaram” disseminando a informação da exibição no portal, informação dirigida e com o poder do aval de ambos *Quebrando Tabus* foi exibido no portal por uma semana e como resultado o documentário atingiu 35.000 streamings, cobrindo o Brasil e América Latina. Superando em uma semana, a bilheteria do filme em todo o país em mais de um mês de exibição. O acesso foi gratuito, bastando ao usuário inscrever-se no portal. Uma iniciativa que trouxe benefícios a ambos. Ao filme que conseguiu um número de impactos proporcionando uma receita e um dado importante para sua distribuição, além de chegar a diversos estados do Brasil e países da América Latina. E, ao Portal que teve milhares de inscritos com potencial para fidelização na compra de conteúdo, além de dados relevantes para incrementar suas ações publicitárias.

O que aprendemos com isso? Nossos filmes podem mais. Precisam “mais ambição” como afirmou Juan Zapata. Também se faz necessário eleger temas que resultem em interesse nacional e internacional. Além disso, é preciso usufruir, trabalhar com a tecnologia digital e seus baixos custos de produção na lógica do documentário

buscar mais espaço no sistema exibidor e distribuidor. Mais salas e circuitos alternativos são urgentes no interior do nosso estado. Precisamos estar atentos e sermos muito criativos com as possibilidades que a linguagem, a temática e principalmente as janelas como a televisão, internet e empresas interessadas em conteúdo podem oferecer. Não creio definitivamente que nossa cultura documentária seja proporcionalmente inferior ao Eixo RIO/SP. O que vejo é um panorama indicando uma urgente troca de ideias entre a classe realizadora, envolver mais a mídia, a crítica especializada, entidades do setor e o poder público. Uma união em pró da busca de iniciativas.

Cabe aos realizadores e seus representantes, uma capacidade mais intensa de reivindicar. Não se pode apenas culpar o fator econômico relacionado com a produção e a comercialização de filmes. A minha percepção é a de que tal restrição alimenta o círculo vicioso “falência-retomada-falência” do cinema e, conseqüentemente, dos documentários gaúchos, impedindo o reconhecimento por parte do público do valor histórico dos filmes a partir das linhas de continuidade existentes entre os gêneros, os estilos e as narrativas de diferentes períodos. Filmar também não é o suficiente, como também não nos bastam fenômenos de público eventuais. É preocupante e desestimulante falar em proporcionalidade de filmes gaúchos nas salas de cinema, quando o público citado é extremamente selecionado e ainda migra para o DVD ou outros formatos de exibição. E nunca é demais lembrar que a renda média de 70% da população (Brasil) não possibilita a frequência nas salas de cinema. E nem vou entrar na questão da indústria norte-americana porque isso precisaria de mais um artigo para poder comentar.

A frequência do público é possível mediante a conquista de um número maior de salas e de um tempo mais prolongado de exibição das cópias de um filme no circuito. Algo como uma reserva estratégica de mercado para potencializar e difundir outros tentáculos do sistema, além dessa geografia de salas repetitivas. Cinema mais barato, de circulação barata, digital, em acordo com televisões não-lucrativas, em DVD, em salas itinerantes, integrando os Festivais de cinema (em uma rede que não seja de ineditismo festivo), os cineclubes organizados, as salas das ONGS, as universidades brasileiras, em um Sistema Brasileiro de Cinema. Exibições gratuitas em TV pública (a contrapartida mínima para o financiamento público). Se os patrocinadores obtêm mais rentabilidade investindo nos grandes festivais como o Festival de Cinema de Gramado, é preciso criar espaço de permanência, algo como um valor de troca sustentável financeiramente, em

longo prazo, um renovar em torno de novas janelas, fugindo da mesmice dos festivais, comprovando outras possibilidades, outros públicos que não são atingidos pelo festival (geralmente restrito a classe cinematográfica e imprensa).

4. Conclusão

Cabe aos realizadores de documentários gaúchos uma movimentação em prol de uma maior integração entre seus processos criativos, seus planos de produção, uma postura de obras pensadas como efeitos de integração entre produtores que se unam como os legítimos proponentes de mercado para suas realizações. Nomes que saibam, das mais variadas formas, desenhar e desejar projetos de produção de imagens eficazes e costurados dentro de conceitos cênicos com um maior dinamismo econômico e estético, sustentáveis e abertos a um público diverso. Não estou falando de um tipo de campanha "funciona/não-funciona" publicitária – não se trata de fórmula, é formulação contínua e risco. Um certo cinema documental gaúcho, outro, que enfrente a maré mais por proposição de espaços do que por desejo de adesão. Cultivar uma economia de mercado e um diálogo com o público em outros parâmetros de sustentação. Números de bilheteria de grandes lançamentos não representam o prazer do cinema, mas determinam a eficácia do apelo inicial, de marketing, para os filmes. Nada injusto, nada pejorativo, mas não mais do que isso.

O fato social é que o público médio não tem dinheiro para circular por um universo de salas senão quando fazem concessões por eventuais "acontecimentos de mídia". Não é só uma questão de gosto ou de perfil, mas de segurança em um panorama ou de exibição que impede que alguém que ganhe menos de R\$ 1.000 por mês vá ao cinema mais de uma vez a cada 30 dias. A classe média baixa, assim como os consumidores de audiovisual periféricos interessados em algo mais do que a reprodução do mesmo, está sendo ignorada econômica e culturalmente. Porque os documentários, assim como os filmes de ficção não podem aumentar a circulação do cinema local, de menor porte de capital? Carecemos de uma difusão que de fato concretize no estado uma cultura do cinema como espaço de arte, inclusão e interação cultural. Uma divulgação de um sistema paralelo de cinema. Mais do que a expansão do mercado exibidor existente, o que parece ser definidor é uma diferenciação de um mercado

exibidor renovado, mais amplo e voltado para outras formas de manutenção econômica e estética do audiovisual.

Neste momento minhas propostas podem ser consideradas ideias utópicas ou românticas, mas que se forem articuladas e se dedicando à criação de novos caminhos de inserção social via novas e velhas tecnologias (a TV digital, os portais de conteúdo) trazem novas expectativas. Fazer parcerias com o poder público de outras formas, fazendo filmes com menos dinheiro e mais estratégia, apostando em outras formulações do que é ser, integralmente, um realizador de audiovisual no Rio Grande do Sul e no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LABAKI, Amir. **É tudo verdade** – reflexões sobre a cultura do documentário. São Paulo, SP: Francis, 2005.

PÓVOAS, Glênio Nicola. **Cinema RS Produção Audiovisual 2004 – 2000**. Porto Alegre, RS: Fundacine, 2005.

PÓVOAS, Glênio Nicola. **Cinema RS – 2008 – 2005**. Porto Alegre, RS: Fundacine, 2009.

RAMOS, Fernão Pessoa. **O que é documentário?** Estudos de Cinema 2000 SOCINE. São Paulo, SP: Sulinas, 2001.

SALLES, João Moreira. **A dificuldade do documentário**. São Paulo, SP: Sulinas, 2001.

TRINDADE, Teresa Noll. **O documentário e seu público**. São Paulo, SP: Revista Rumores, Ed. 7, junho de 2010.

VALIATI, Leandro. **Economia da cultura**: notas empíricas sobre o RS. Porto Alegre, RS: Terceiro Nome, 2010.

Sites

<http://www.ancine.gov.br/oca/relatorios.htm>, acessado em setembro de 2011.

<http://www.fundacine.org.br/cinema/filmografia>, acessado em outubro de 2011

ANEXO A – ENTREVISTAS COM REALIZADORES

1. Qual sua opinião a respeito do momento atual da produção de documentários no estado?

“Não sei muito que está acontecendo. Antigamente era mais fácil mapear. Agora são muitos os cursos, os projetos e as produtoras. E todas elas praticamente têm um projeto de documentário. O gênero ganhou status. Há muita gente interessada em produzir documentários. Mas quem tá mesmo fazendo é a questão. Juan Zapata, Estação Elétrica, Gustavo Fogaça que está finalizando a *Casa Elétrica...* está entre o que sei. A televisão com seu potencial de marketing têm grande importância e contribui para o mercado amadurecer as produções. Assim como as escolas de cinema que estão fazendo linguagem e narrativa evoluírem. O documentário feito aqui ainda tem uma aura institucionalizada. O documentário mundial me parece o irmão rebelde do cinema de ficção. E há muitos casos de documentários nacionais com construção de pensamento que podem apropriar-se de várias linguagens. Buscar o hibridismo é saudável e contribui para construir linguagens interessantes. Que filmes, feitos no sul, conseguiram ser exibidos fora daqui? No eixo RIO/SP”? Boca Migotto.

“Tem um número crescente de produções para mais diversas janelas. Eu acredito que a janela de cinema não é a mais adequada. Os equipamentos com custos menores facilitam a produção. O documentário exige menos recursos que a ficção. No momento o crescimento de produção é evidente, mas isso não quer dizer necessariamente qualidade. Na minha opinião o documentário é mais apropriado para a TV. Custo das cópias digitais é mais barata. No cinema se tratando do aspecto da cópia, é preciso lembrar que o custo para o áudio ainda é um investimento significativo que consome recursos mais consideráveis e também existe o custo com o *transfer*”. Liliana Sulzbach.

“No meu critério a produção de documentários tanto no estado como no Brasil é mais forte e de melhor qualidade que a de ficção. O documentário tende a se multiplicar com maior facilidade e são poucos os que fazem registro dele. Sendo assim ficam fora de catálogo “comercial” trabalhos que são alternativas de produção do mercado. A facilidade no acesso as tecnologias (computador e câmeras) e outras têm facilitado para esta multiplicação de produção. Os documentários do RS tendem a serem bastante regionalistas, caracterizando a cultura do estado, poucos almejam um mercado

internacional na sua abordagem, porém o localismo é sua maior fortaleza, tendo como pano de fundo um estado lotado de contraste nas suas histórias, nas suas fronteiras e na sua tradição. Acredito que se tem talento e bons profissionais que precisam ser mais ambiciosos nas suas abordagens para gerar um cinema mais internacional”. Juan Zapata.

“Parece-me ser a mesma desde sempre. Alguns poucos realizadores se aventurando nesse meio. Não temos uma característica para os nossos doc’s. Não temos um grupo de documentaristas gaúchos. Muitos de nós dirigimos ficção também. Não há uma tradição documental. Por outro lado, de alguns anos para cá, projetos do Núcleo de Especiais da RBSTV estão abrindo portas para outro tipo de documentário, feito para a TV. São séries, programas especiais e também alguns dos projetos do HISTÓRIAS CURTAS (este ano foram três documentários, de oito curtas produzidos). Aqui no curso de cinema da PUC/RS (TECCINE), onde dou aula, o nosso segundo semestre é voltado ao documentário. Os alunos tem aulas de roteiro, produção, história, estética e realizam de 4 a 5 curtas documentais no semestre”. Gustavo Spolidoro.

2. Comente a respeito da estética, dos temas abordados e das escolhas dos realizadores.

“É bastante eclético o panorama atual de realizadores, tendo especialistas em diversas áreas temáticas provenientes de diferentes escolas e com tendência cada vez mais cotidiana a transitar por universos ficcionais e documentários tranquilamente. Chama minha atenção o número de produções que estão sendo feitas sobre lugares (bares, ruas, praias, bairros), isto como tendência de mercado, ainda vejo maior força (ainda) na produção com temática social. Outra temática destacada é a musica seguida pela arte. Isto por ser o estado local sede de vários eventos que motivam este tipo de produções. Acredito que uma identidade documentária ainda está sendo formada e em processo. Países como França, Chile, Argentina, Colômbia e outros já tem definidas linhas mais claras a respeito. Talvez essa procura de identidade documentária seja o maior valor da produção da região”. Juan Zapata.

“Não há um tema ou estética de um tema específico. Não vejo como definir o documentário feito no RS. É algo esparso, sazonal, diverso, com pouco diálogo entre os realizadores, distante de um estilo específico ou mesmo de uma tradição documental brasileira. Não vejo como comparar filmes como *Extremo Sul*, *O Cárcere e a Rua* e

Morro do Céu, por exemplo.” Gustavo Spolidoro.

“Falta cunho investigativo, crítica social, documentários políticos não se vê muito. Aqui no RS precisamos olhar mais para a classe alta ou para as instituições”. Liliana Sulzbach.

“*Extremo Sul e O Cárcere e a Rua* são sobre pessoas, e tiveram resultado. Interessante também é o caso do filme evento (os docs do Internacional e do Grêmio). O documentário possibilita mais experiência, mais exercício. Do ponto de vista de introduzir o realizador a praticar o cinema com menos compromisso. Muita gente boa começou fazendo documentário. Muita gente iniciou com o primeiro projeto através do documentário. *O Cárcere e a Rua* consegue aprofundar sua temática. *O Extremo Sul* conseguiu driblar a adversidade do problema de não ter havido a escalada que era o significado do filme”. Boca Migotto.

3. E como você vê a acolhida da crítica?

“Vejo desempenhando seu papel de forma ok. Existem as revistas *Teorema* e *Aplauso* que são mais aprofundadas”. Liliana Sulzbach.

“A crítica se identifica com o documentário e seu caráter experimental além de suas temáticas. Você não vê é uma crítica que comente negativamente um filme local que ela não goste. Todos se conhecem e não acontece essa atitude. Poucos... pouquíssimos tem coragem de criticar. Quem é essa crítica gaúcha e até que ponto ela é imparcial”? Boca Migotto.

“Nada de diferente. Da mesma forma que acolhe ficções, com imparcialidade e respeito”. Gustavo Spolidoro.

“A crítica no estado é bastante ignorante perante o documentário como um gênero competitivamente comercial. Acredito que falte crítica especializada a respeito, pois não existe uma escola da mesma. Esta crítica precisa transitar mais por festivais especializados, se capacitar sobre o gênero. Contadas poucas exceções, é difícil ser avaliado. Como realizador é mais fácil confiar no critério de outros realizadores para entregar meu trabalho do que em críticos, são poucos aos quais entrego em mãos meu material acreditando na sua capacidade de julgamento. A crítica é essencial, para bem ou para mal, pois é importante existirem terceiros avaliando e nos questionando, mas

essa crítica precisa ganhar maior credibilidade para um gênero que até hoje tem sido desvalorizado e que aos poucos está ganhando seu lugar e marcando posição. Questiono também a objetividade dos colunistas sobre o cinema Brasileiro, alias, acho que é um mal de cada país. Como estrangeiro valorizo muito o documentário brasileiro e me incomodo com o rótulo “2 estrelas” que dificilmente consegue um documentário do país nos jornais e nos críticos do Brasil (especialmente estaduais). Por isso, justifico a necessidade de capacitar ou especializar a crítica ao gênero”. Juan Zapata.

4. Um dos grandes desafios é chegar ao público. Em sua opinião porque não temos um público aqui no estado mais interessado no filmes documentais realizados?

“Não tenho como dizer que não temos um público interessado em doc’s no estado. Se tiver um motivo, possivelmente ele se deve ao fato de que, mesmo entre nós, realizadores, temos pouca tradição no fazer filmes documentais. Talvez se tivéssemos um movimento que juntasse e unisse os realizadores desse gênero, as coisas poderiam ser diferentes. O filme *Gigante - Como o Inter Conquistou o Mundo*, é um caso à parte, pois ele não é pensado pelo espectador como um documentário. As pessoas não vão ver um documentário sobre o Inter, vão ver um filme sobre o Inter, independente da linguagem e gênero. O sucesso dele se deve exclusivamente ao seu conteúdo e a paixão pelo futebol, traduzida, neste caso, pelo jogo que gerou a maior conquista da história do Internacional. *Gigante* teve mais de 25 mil espectadores só no RS, vendeu mais DVDs que *Harry Potter* e teve uma média de público por sala o dobro da segunda maior dos cinemas Arteplex no Brasil.” Gustavo Spolidoro.

“Pois é, uma questão super ampla essa. Existe um público selecionado que frequenta os cinemas. Dentro deste universo há um público que vai assistir documentários. Percebe o filtro? Mas por outro lado há a questão da temática do filme, se pegar o *Ônibus 174* como exemplo e todo o respaldo da questão midiática, isso dá um efeito de propagação. Então a coisa muda de figura. O filme evento demonstra que funciona. Um filme sobre presidiárias não vai levar um grande público. A exibição tem que prestigiar o boca a boca. Falando em RS tá falando da praça metropolitana. O filme precisa ficar mais tempo em cartaz para dar tempo de ocorrer o boca a boca. Só que os filmes ficam pouco tempo em cartaz. Esse público selecionado se conhece e o ciclo, esse universo se encontra e se propaga”. Boca Migotto.

“As maiores barreiras estão nas dificuldades de comercialização e divulgação. Os documentários são um primo pobre. E nem todos são interessantes”. Liliana Sulbach.

“Falta boa divulgação. Público para documentário existe (e muito), mas a falha está sendo na comunicação e na divulgação dos mesmos. Falta continuidade nas programações e um tratamento personalizado na assessoria de imprensa. Isso, digo como distribuidor e não como realizador”. Juan Zapata.

5. E a comunidade que organiza documentário aqui no estado. Como ela está formada?

“O estado do RS se caracteriza pela individualidade, é difícil organizar os realizadores de documentário. Cada um cuida de seus interesses e o egoísmo faz dele um “mercado” medíocre e conformista. Até porque curiosamente poucos se assumem como documentaristas. São poucos os casos de integração e de iniciativas para isto acontecer, o que é lamentável”. Juan Zapata.

“Pois é. Estou vinculada a APTC que é um representante que oferece iniciativas. Mas referente à classe não percebo nada acontecer. Acho que poderíamos unir projetos dos realizadores em mostras, seminários, ou seja, propostas seriam muito bem vindas. É urgentemente necessário mais união. Alguém terá de tomar a iniciativa de tentar reunir os realizadores”. Liliana Sulzbach.

“Não existe articulação. Cada um produz seu projeto com seu grupo de amigos. Cada um defende seu lado. Porque não reunir mais a classe de realizadores para discutir e propor iniciativas coletivas para se pensar em formas de ampliação dos filmes? Porque não um evento anual que faça exibição e ações bem vindas para quebrar com esse bairrismo provinciano? Fala-se mal dos outros ao invés de crescer a produção com o retorno de todos. É bom que o trabalho feito por um colega seja divulgado. Só fará bem ao mercado e assim todos vão produzir e crescer. A articulação dos documentaristas é inexistente e isso se reflete diretamente. Precisamos repensar este caminho. Há instituições como a ABD e APTC oferecendo espaço para os realizadores se encontrarem e ampliarem a penetração do gênero”. Boca Migotto.

“Algumas pessoas se dedicam a eles com mais afinco, caso do colombiano Juan Zapata, e do Antonio Carlos Textor (esse de uma escola setentista), da Carolina Berger

e da Liliana Sulzbach. Outras eventualmente se envolvem com doc's, como eu, a Monica Schmidt e o Luiz Alberto Cassol". Gustavo Spolidoro.

6. Você acredita que a situação no eixo RIO/SP é semelhante? Como você compara a situação entre estes dois mercados?

"Lá há uma história maior de documentários, mas mesmo assim, os grandes nomes do documentário brasileiro atuam praticamente sozinhos dos demais: Cao Guimarães (mineiro) e Eduardo Coutinho e João Moreira Salles (cariocas). Não acho que seja diferente, porém eles têm mais tradição e sucesso". Gustavo Spolidoro.

"Acredito ser semelhante. Levando em comparação as proporções. Claro que pelos potenciais do mercado lá os números são muito maiores. É claro que eles produzem vinte vezes mais que aqui e fica mais fácil de ter um filme muito bom e que faça público do que um filme feito aqui. A questão da verba e renda torna mais fácil para este eixo do ponto de vista de produção, obter melhores resultados. Acredito que isso também faz com que os documentaristas se articulem e promovam mais suas obras. Questões econômicas, históricas e culturais são factíveis e isso sempre deve ser considerado". Boca Migotto.

"É um mercado mais acessível a recursos e com as entidades focadas em defender o cinema. Mas os percebo pouco integrados. Assim como o RS. O que diferencia é o volume de possibilidades de financiamento e um monopólio nos maiores editais do país. Os recursos fazem a diferença na produção do Brasil. Acredito sim que no RJ e SP se tem uma noção mais aberta e internacional da produção, não se sofre tanto com o regionalismo misturado e as possibilidades de um produto assim ter maior visibilidade são melhores. Cada estado tem seus prós e contras, o que vejo em geral é um centralismo na produção brasileira, vejo pouco interesse ou falta de prioridade em que estes documentários conversem com outras culturas". Juan Zapata.

"Acho a situação, em termos gerais, semelhante a nossa. Inclusive em termos de editais estamos parelhos. Eles levam vantagem por estarem mais próximos das grandes redes de televisão do país". Liliana Sulzbach.

7. Que sugestões você tem para incrementar mais o mercado?

“Sinto falta de capacitação no mercado de RS na área de documentários, falta de referências de outras produções mundiais, falta de integração entre as empresas produtoras, falta de recursos e incentivos no estado para motivar uma maior força documentária. Estas são as prioridades que devem ser trabalhadas para incrementar o mercado”. Juan Zapata.

“Talvez uma maior união dos realizadores e políticas para o documentário”. Gustavo Spolidoro.

“Incrementar circuitos alternativos e valorizar conteúdo. Fazer chegar os temas interessantes ao público. Criar condições para que os circuitos se consolidem”. Liliana Sulzbach.

“Há vários estados produzindo muito mais que o RS. Perdemos nossa posição confortável de terceiro pólo de produção. Muito em função dos quatro anos do governo Ieda que acabaram com a cultura no RS. Pernambuco, Paraná e Minas cresceram e estão produzindo muito mais que nós. Se não estou enganado o Acre em 2010 produziu mais que nós. Ou seja, precisa-se de investimento. Precisamos também de alternativas criativas, distribuição e promoção são indispensáveis. Temos que articular, discutir e buscar alternativas criativas. A escolha dos temas, aprofundamento de pesquisas e amadurecimento dos projetos, fazê-los com o devido tempo necessário para o filme ser interessante. E então ser visto pelo público. Um filme bem feito será assistido por suas qualidades, aliado com sua comunicação eficaz. É muito importante dizer; tem de ser bem distribuído”. Boca Migotto.